

CAPÍTULO 19

**FERNANDA VIEIRA
E O COLETIVO NANDA PRODUÇÕES.
A INSURGÊNCIA DAS MARGENS
COMO ATO DE SOBREVIVÊNCIA
CULTURAL**

JAQUELINE TORQUATRO



Capítulo 19 - Fernanda Vieira e o Coletivo Nanda Produções – A insurgência das margens como ato de sobrevivência cultural

Fernanda Vieira and the Nanda Produções Collective – The insurgency on the margins as an art of cultural survival

Jaqueline Torquatro

Introdução

A chegada dos colonizadores europeus à América Latina resultou na destruição cultural dos povos originários e na transculturação, que transformou, de maneira permanente, o modo de fazer, pensar e consumir arte. Essa devastação cultural foi utilizada como instrumento de dominação, pois enfraqueceu a resistência à invasão e permitiu a imposição de uma ideologia eurocêntrica, que demonizou e invisibilizou a cultura ameríndia. Segundo o pesquisador e escritor venezuelano Fernando Báez (1963-), durante o processo de destruição da cultura local, os colonizadores arruinaram a arquitetura existente, artefatos religiosos, livros maias e astecas, e promoveram um genocídio que reduziu em 95% a população nativa que habitava a América Latina, num período de 130 anos.

Ainda de acordo com o autor, a invasão e colonização do solo latino-americano provocou a extinção de diversas línguas nativas, a destruição e saqueamento de inúmeros monumentos, a sobreposição da arquitetura, a supressão de pinturas, esculturas, danças e cantigas, entre outras perdas incalculáveis. A inserção forçada da cultura importada resultou na perda de cerca de 60% da memória coletiva. Segundo Báez (2010, p. 49), “os povos latino-americanos foram transculturados e translinguados” por meio da manipulação e eliminação da memória, e a educação formal desenvolvida na América Latina foi moldada para estimular a negação do grande saque sofrido e repudiar a cultura dos povos indígenas. Por fim, Fernando Báez destaca que a sujeição ao trabalho forçado e o assassinato de todo indivíduo que incitava a resistência contribuíram para o que o autor (2010, p. 84) chamou de “mutilação da memória coletiva”, que “desencadeou a tragédia cultural vivida por milhões de seres humanos durante a conquista”.

O texto de Moacir dos Anjos (1963-), no livro *Local/Global: Arte em Trânsito* (2005), analisa que a globalização, compreendida como continuidade da lógica de imposição cultural e de padronização iniciada no século XV com a expansão colonizadora europeia, transformou profundamente as formas de produzir, classificar e consumir arte e cultura nos países que hoje compõem o Sul Global. Sob uma perspectiva centrada nos valores europeus, a arte proveniente desses territórios passou a ser considerada exótica ou mera cópia da produção ocidental. Essa desqualificação converteu expressões culturais locais em “arte menor”, periférica, sujeita à demonização, invisibilização, marginalização e, em muitos casos, à destruição deliberada.

A lógica eurocêntrica estabeleceu uma hierarquia cultural que mede a relevância artística e o grau de “desenvolvimento civilizatório” segundo padrões próprios da Europa capitalista, enquanto relegou as comunidades tradicionais à condição de símbolo de atraso. Esse paradigma reforçou a divisão entre cultura erudita e cultura popular, que passou a orientar a chamada indústria cultural. Nesse contexto, como observa a autora brasileira Marilena Chaui (1941-), a cultura deixou de ser um direito universal para se tornar um privilégio de classe, acessível apenas a determinados segmentos sociais:

Afirmar a cultura como um direito é opor-se à política neoliberal, que abandona a garantia dos direitos, transformando-os em serviços vendidos e comprados no mercado e, portanto, em privilégios de classe. (Chaui, 2008, p.66)

Em *Cultura e Democracia* (2008), Marilena Chaui apresenta a cultura como uma construção histórica e social que, inicialmente, significava cultivo e cuidado; a partir do Iluminismo, passou a ser associada ao progresso, à civilização e aos valores ocidentais, especialmente os da Europa capitalista, impondo um modelo etnocêntrico que legitimou a colonização e o imperialismo. Em seu texto, Chaui realiza uma análise crítica da relação entre cultura e democracia, denunciando que a forma de democracia predominante, liberal e representativa, não promove o acesso igualitário à cultura, mas massifica os bens culturais, transformando-os em mercadoria e restringindo a produção e o consumo cultural às camadas privilegiadas da sociedade.

Chauí continua sua análise enfatizando que, dentro da sociedade capitalista, a cultura integra uma indústria que separa os bens culturais segundo valores de mercado e reforça a divisão entre cultura de elite e cultura popular, criando o espectador médio (homogeneização dos indivíduos) e transformando a cultura em mero entretenimento (não que a cultura não desempenhe esse papel em algum momento), gerando a ilusão de acesso universal. A indústria cultural transforma a massa em consumidoras e consumidores, e não em produtores de cultura, a fim de manipulá-la. Marilena Chauí destaca que, embora o lazer e o ócio sejam importantes e necessários, a redução da cultura a entretenimento busca não chocar ou provocar, mas agradar e seduzir o público, repetindo, de forma mascarada, o que ele já está acostumado a consumir.

A análise do percurso histórico-cultural apresentada pelos três autores permite compreender que a invasão europeia não representou apenas a destruição física de povos e culturas, mas instaurou um processo contínuo de apagamento e subordinação cultural, que ainda reverbera na contemporaneidade sob a lógica globalizante e mercantilizada da cultura. A persistência dessa hierarquia, que valoriza o eurocentrismo e marginaliza produções locais, reafirma a necessidade de práticas que resistam a esse modelo.

Marilena Chauí sugere que uma forma de escapar da armadilha imposta pelo neoliberalismo seria retirar a cultura do campo exclusivo do entretenimento e tratá-la também como trabalho. Dessa forma, a cultura passaria a ser compreendida como um processo criativo, deixando de ser apenas um produto a ser consumido e tornando-se uma experiência que possibilita ver, pensar e sentir o mundo. A crítica de Chauí evidencia a urgência da atuação de coletivos culturais nas periferias, que se erguem como forças insurgentes, rompendo com a lógica segregacionista imposta pelo sistema capitalista e patriarcal. Essas iniciativas fortalecem a cultura em territórios marginalizados, oferecendo formação artística, realizando eventos que exaltam tradições e artistas locais e fomentando debates sobre questões sociais, contribuindo para a construção identitária contemporânea.

Esses coletivos artísticos e culturais retiram a cultura do campo do consumo, como destaca Chauí, e a realocam como trabalho criativo, experiência sensível e prática social emancipadora, transformando moradores de regiões periféricas em

produtores de arte e cultura. Ao ensinar arte, estimular a produção local e valorizar saberes invisibilizados, ampliam o acesso à cultura e possibilitam que sujeitos historicamente silenciados se tornem autores de suas próprias narrativas, promovendo uma verdadeira democratização cultural, pautada na criação, reflexão e autonomia, e não na passividade do consumo.

Coletivo Nanda Produções

Kimberlé Crenshaw (1959-), defende em um de seus diversos textos que a organização de grupos de mulheres, ou seja, a coletivização, impulsiona a luta por direitos civis, sociais e culturais:

Nas últimas duas décadas, as mulheres se organizaram contra a violência quase rotineira que molda suas vidas. Aproveitando a força da experiência compartilhada, as mulheres reconheceram que as demandas políticas de milhões falam mais poderosamente do que os apelos de algumas vozes isoladas. (CRENSHAW, 1993, p.1241 – traduzido)

O pensamento crítico de Crenshaw, embora direcionado originalmente a grupos de mulheres, contribui para a compreensão de diferentes contextos de luta contra opressões herdadas do colonialismo e evidencia a importância da ação coletiva como estratégia de resistência e transformação social, mostrando que a experiência compartilhada fortalece a luta contra desigualdades estruturais. A criação de coletivos culturais se configura como uma das ferramentas sociais e políticas capazes de enfrentar essas múltiplas formas de opressão, que se entrelaçam e reforçam desigualdades sociais, sobretudo em regiões periféricas e comunidades marginalizadas. Esses coletivos, frequentemente organizados por artistas, têm como objetivo valorizar a autonomia, estimular a participação da comunidade na produção cultural e descentralizar os espaços de consumo e de produção artística.

O Coletivo Nanda Produções é um dos coletivos existentes no estado do Espírito Santo, que se destaca com uma iniciativa que promove a valorização e a descentralização da cultura no território capixaba. Idealizado e coordenado por Fernanda Vieira, o grupo reflete a dedicação da agente cultural ao fomento e à difusão das artes em territórios periféricos. Com mais de duas décadas de experiência no distrito de Nova Almeida, no município de Serra - Região Metropolitana de Vitória, Vieira tem desenvolvido, de forma contínua, eventos culturais, oficinas de formação artística e ações de incentivo a artistas em início de

carreira, contemplando diversas linguagens, como música, literatura, artes visuais e audiovisual.

Ao longo de sua trajetória, Fernanda Vieira produziu documentários, livros e eventos que contaram com a participação de artistas e palestrantes de reconhecimento nacional. Entre essas iniciativas, destaca-se o Festival da Canção (Figura 19.1) que, em sua oitava edição, realizada em abril de 2025, contou com a presença de Guilherme Terreri, ator, palestrante e *drag queen*, amplamente conhecido pelo nome artístico *Rita von Hunt*y (Figura 19.2). Em sua apresentação, realizada em uma praça de Nova Almeida, Rita abordou a democratização da arte, analisou o uso da produção artística como ferramenta de transformação social e discutiu a conceituação e o direito à cultura, em diálogo com reflexões presentes nos textos de Marilena Chaui. A realização do evento foi coordenada pela Fernanda Vieira com o auxílio de Maria Marta Tomé, outra das diversas mulheres que atuam na valorização do setor artístico no estado do Espírito Santo.



Figura 19.1 – 8º Festival da Canção
Fonte: Instagram @Festivaldacancao



Figura 19.2 À esquerda, Fernanda Vieira e, à direita, Rita Von Hunty.

Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1s8czkviAG2pi3H81z66hDTMsOZ2BJg6q/view>

O autor Roque Laraia (1932--) define que a cultura é algo construído historicamente, não é algo nato, mas algo que deve ser aprendido, que é um processo acumulativo de vivências de várias gerações:

Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura. E esta formulação — que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie — permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode ser finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!" Em outras palavras, a criança está apta ao nascer a ser socializada em qualquer cultura existente. Esta amplitude de possibilidades, entretanto, será limitada pelo contexto real e específico onde de fato ela crescer (Laraia, 1986, p.33).

Laraia refuta a ideia de que a biologia ou o espaço geográfico determinem as diferenças culturais entre os povos e analisa que a diversidade cultural está diretamente ligada à história cultural e à plasticidade do ser humano. O autor reflete que o ser humano é o único ser vivo capaz de criar, aprender, ensinar e transformar a cultura, e que a cultura é o principal meio de adaptação do ser humano ao ambiente. Através da cultura, o indivíduo e a sociedade conseguiram subverter a condição de um animal frágil para um predador voraz, capaz de dominar diversas instâncias da natureza.

Em concordância com a reflexão de Laraia, pode-se destacar o texto de Glória Anzaldúa (1942-2004), onde a autora analisa a cultura como formadora de identidade sociocultural:

A cultura molda nossas crenças. Percebemos a versão da realidade que ela transmite. Os paradigmas dominantes, conceitos predefinidos que existem como algo inquestionável e que não se pode desafiar, chegam até nós por meio da cultura [...] A cultura é feita por aqueles que têm poder — os homens. Os homens fazem as normas e leis; as mulheres as transmitem [...] A cultura espera que as mulheres mostrem maior aceitação do sistema de valores dos homens e maior compromisso com ele. A cultura e a Igreja Católica insistem que as mulheres devem estar a serviço dos homens. Se uma mulher se rebela, é má. Se não renuncia a si mesma em favor do homem, é egoísta [...] Hoje, algumas de nós têm uma quarta opção: adentrar o mundo por meio da educação e de uma carreira profissional e se tornar autônomas. Apenas algumas. Como pessoas da classe trabalhadora, nossa principal atividade é conseguir comida, um teto e roupas. Proporcionar educação aos filhos está fora do alcance da maioria. (Anzaldúa, 2021, p.57).

Quando a cultura é apropriada e controlada pelas elites de uma sociedade, que determinam quem pode consumi-la e de que maneira esse consumo deve acontecer, o aprendizado cultural, ao qual Laraia (1986) se refere, tende a ser reduzido. Nessa condição, os indivíduos de classes subalternizadas formam um exército massificado, que apenas assimila e reproduz o que lhe é permitido acessar. Ao reduzir a diversidade cultural e impor padrões hegemônicos, a elite não só restringe a experiência cultural coletiva, como também enfraquece a capacidade de reinvenção e de resistência social que a cultura, em sua essência, possibilita. Essa limitação enfraquece a plasticidade humana, ressaltada por Laraia, e compromete a capacidade de criar, aprender e transformar.

O trabalho desenvolvido pelo Coletivo Nanda Produções dialoga diretamente com a idealização de democracia cultural proposta por Marilena Chaui e com o discurso de Roque Laraia, agindo de forma insurgente contra o sistema que insiste em excluir e marginalizar as produções culturais periféricas, ensinando e construindo arte e cultura para quem, até então, havia sido excluído do processo de produção cultural e transformado em massa. O coletivo, coordenado por Fernanda Vieira, desafia a mercantilização da indústria cultural e promove o acesso não apenas ao consumo, mas também à criação e à participação ativa da comunidade de Nova Almeida e de outras regiões do estado capixaba na vida cultural, contribuindo para a construção de uma cultura viva, plural e diversificada.

Fernanda Vieira atua na promoção e difusão da arte, tanto por meio de seu próprio coletivo quanto em parceria com outros movimentos sociais atuantes no município de Serra. Em agosto de 2025, em colaboração com a agente cultural Adriana Dutra, iniciou uma oficina de mosaico (Figura 19.3), arte com a qual a artista e agente cultural entende como divisor de águas de sua própria trajetória sociocultural, com o objetivo de capacitar pessoas, oferecendo a formação de maneira inteiramente gratuita, em um bairro de grande vulnerabilidade social. Vieira entende a arte como um instrumento de resistência e transformação e compreende a prática artística como meio de valorização da cultura local e como potencial catalisador de mudanças significativas, sejam elas de ordem econômica, cultural, sensorial ou social.



Figura 19.3 – Fernanda Vieira

Fonte: <https://produtorananda.wixsite.com/nandaproducoes?pgid=lqmstt13-a02886ef-526a-4ca1-ad4e-c62dfb9db674>

Feminismo e interseccionalidade

O colonialismo, o patriarcado e o capitalismo deixaram às mulheres de diferentes etnias uma herança de submissão e invisibilização, que motivou a organização de movimentos femininos em busca de liberdade, direitos e igualdade. Enquanto mulheres brancas lutavam por direitos políticos, educação, divórcio e acesso ao

trabalho, sendo ainda retratadas como frágeis, mulheres negras tiveram de enfrentar não apenas essas pautas, mas também a objetificação, escravização, violência, segregação e racismo estrutural, incorporando as demandas do movimento negro ao feminismo e defendendo a segurança de seus filhos e familiares. Lélia González (1935-1994), Ângela Davis (1944-) e Sueli Carneiro (1950-) reforçam que a luta das mulheres não brancas historicamente se distingue da das mulheres brancas: jamais foram consideradas frágeis, ao contrário, foram transformadas em objetos e obrigadas a lidar simultaneamente com suas próprias dores e com a perseguição, exploração e morte de companheiros, parentes, amigos e filhos, tornando impossível limitar suas reivindicações à esfera feminina, como destaca o trecho a seguir:

Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta. (Carneiro, 2020, p.5).

Ao criar um coletivo artístico em um bairro periférico, Fernanda Vieira abre um espaço interseccional de resistência, que dialoga com os princípios do feminismo negro e com os discursos das autoras/pensadoras citadas. Ao enfrentar as diversas opressões que recaem sobre a classe trabalhadora, formada em grande parte por pretos e pardos, historicamente privados de cultura, educação, saúde e outros direitos fundamentais, Fernanda, assim como outras mulheres que atuam como líderes sociais e culturais, como Adriana Dutra e Maria Marta Tomé, reconhece que a emancipação feminina só é possível quando se combate simultaneamente o sexismo, o racismo e as desigualdades estruturais produzidas pelo sistema no qual estão inseridas.

Este movimento coletivo, que contribui para a construção de uma identidade integrando processos de hibridização cultural, racial e de gênero e enfrentando opressões históricas e sociais, promove uma nova consciência capaz de transcender dualidades e fomentar a criação de uma cultura própria, plural e transformadora, fortalecendo a dignidade, a autoestima e a identidade cultural da classe trabalhadora, inserindo-a em uma perspectiva de resistência coletiva e solidariedade, tal qual defendida por Glória Anzaldúa em seu livro *La Frontera/Borderlands* (traduzido para o espanhol em 2021):

A resposta ao problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, encontra-se em curar a ruptura que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas — nossa cultura, nossas linguagens, nossos pensamentos. Um enorme deslocamento do pensamento dualista na consciência individual ou coletiva é o princípio de uma longa luta, mas trata-se de uma luta que poderia, segundo nossas melhores esperanças, conduzir-nos ao fim da violação, da violência e da guerra. (Anzaldúa, 2021, p. 137).

Considerações Finais

O Coletivo Nanda Produções exemplifica como grupos artísticos podem atuar a partir de uma perspectiva interseccional que reconhece que as desigualdades socioculturais estão profundamente entrelaçadas. Ao promover eventos, oficinas e formações gratuitas em comunidades periféricas em vulnerabilidade social do Espírito Santo, o coletivo democratiza o acesso à arte e possibilita que sujeitos historicamente marginalizados se tornem produtores e agentes de transformação cultural e deixem de ser massa de consumo de mero entretenimento. O Coletivo Nanda Produções combate diferentes formas de opressão, criando espaços de expressão para mulheres, pessoas negras, jovens, LGBTQIA+ e comunidades tradicionais. Dessa forma, rompe com a lógica eurocêntrica e elitista da indústria cultural, fortalecendo redes de solidariedade e contribuindo para a construção de uma cultura viva, plural e participativa, enraizada nas experiências e saberes locais.

A atuação do Coletivo Nanda Produções caracteriza-se como resistência frente à lógica globalizante, que impõe padrões eurocêntricos e desvaloriza a produção cultural do Sul Global, classificando-a como periférica ou “menor”. Ao priorizar a valorização da cultura local e a participação ativa de comunidades periféricas, o coletivo questiona a hierarquia cultural que, como aponta Marilena Chaui, transforma a cultura em privilégio de classe. As ações do grupo não apenas promovem o acesso à arte, mas reconfiguram o próprio conceito de produção cultural, deslocando o centro do poder simbólico e legitimando expressões artísticas historicamente invisibilizadas.

Fernanda Vieira reconhece que o trabalho realizado através do coletivo não se dá através de relações hierárquicas e lineares, mas é formado por vínculos e trocas de saberes entre diferentes sujeitos e contextos. Vieira se destaca em sua comunidade por sua atuação inclusiva, combativa e transformadora, atuando como uma mulher guardiã de saberes locais, de memórias ancestrais e da identidade

cultural do seu município, utilizando suas ações para promover um questionamento das estruturas coloniais e patriarcais que moldaram a história e a cultura brasileiras. Por meio da arte e da valorização das narrativas comunitárias, Vieira confronta padrões hegemônicos que buscam homogeneizar e silenciar vozes historicamente subalternizadas, afirmando a potência criativa e a autonomia cultural como caminhos para a emancipação social e o fortalecimento das identidades coletivas.

Agradecimento

Agradeço à minha orientadora - a Professora Doutora Paula Guerra, pelo convite para participar deste livro tão potente; ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo e à CAPES. Agradeço e dedico este capítulo a todas as mulheres que se organizam, se movimentam e criam espaços culturais em regiões periféricas.

Financiamento

Este capítulo é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES, que fomenta à minha pesquisa de doutorado por meio de bolsa de estudos.

Referências Bibliográficas

- Anzaldúa, G. (2021). *Borderlands/La frontera: La nueva mestiza (Ensayo)*. Capitán Swing.
- Báez, F. (2010). *A história da destruição cultural da América Latina: Da conquista à globalização*. Nova Fronteira.
- Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos Contemporâneos*, 49, 49–58.
- Chauí, M. (2008). Cultura e democracia. *Crítica y Emancipación: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, 1(1). CLACSO. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241–1299.
- Dos Anjos, M. (Org.). (2005). *Local/Global: Arte em trânsito*. Fundação Bienal de São Paulo.

